

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
DOUTORADO EM SERVIÇO SOCIAL**

**A SIGNIFICAÇÃO DA POBREZA A PARTIR DOS SUJEITOS
QUE A VIVENCIAM**

Tese de Doutorado

Ana Maria Paim Camardelo

Orientador: Prof. Dr. Carlos Nelson dos Reis
Co-orientadora Berenice Rojas Couto

PORTO ALEGRE

2009

ANA MARIA PAIM CAMARDELO

**A SIGNIFICAÇÃO DA POBREZA A PARTIR DOS SUJEITOS
QUE A VIVENCIAM**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Serviço Social, Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Serviço Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Nelson dos Reis

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Berenice Rojas Couto

PORTO ALEGRE

2009

Porto Alegre, 14 de janeiro de 2009.

A SIGNIFICAÇÃO DA POBREZA A PARTIR DOS
SUJEITOS QUE A VIVENCIAM

Ana Maria Paim Camardelo

Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do Título de:

Doutora em Serviço Social

E aprovada na sua versão final atendendo às normas da legislação vigente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social.

Prof^a. Dr^a. Berenice Rojas Couto (Co-orientadora)
Faculdade de Serviço Social
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Beatriz Gershenson Aginsky
Faculdade de Serviço Social
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social ((PUCRS)

Prof. Dr. Jairo Melo Araújo
Faculdade de Serviço Social
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Juliane Feix Peruzzo
Faculdade de Serviço Social
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. Carlos Henrique Aguiar Serra
Departamento de Ciência Política
Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

Esta tese tem como objetivo produzir conhecimento que permita aos profissionais do campo social compreender e reconhecer o significado da pobreza, a partir da visão dos sujeitos, de forma a contribuir para ampliar e qualificar as possibilidades de inserção social, promovidas por programas de políticas públicas, presentes na contemporaneidade. A partir do objetivo que se tinha, optou-se pela pesquisa qualitativa, por acreditar-se que seria a mais apropriada, dado que esta permite que os fenômenos sejam compreendidos no próprio contexto em que ocorrem e, ao mesmo tempo, torna possível aprofundar a complexidade dos fenômenos, a partir do momento em que são consideradas as perspectivas dos sujeitos envolvidos diretamente na realidade estudada. Nesse sentido, priorizou-se a entrevista semi-estruturada. Para se chegar aos sujeitos da pesquisa, optou-se pelo Programa Renda Mínima Familiar da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, por se tratar de um dos programas que trabalha diretamente com pessoas em situação de pobreza e que tem, em seu objetivo principal, assegurar renda mínima, mensal e temporária às famílias em situação de vulnerabilidade e risco pessoal, construindo estratégias na busca da autonomia, do fortalecimento do processo emancipatório e, principalmente, da superação das dificuldades, contribuindo assim à construção e ao resgate da cidadania de grupos familiares. Assim, esta tese trata da pobreza, buscando abordar as diferentes concepções, dando ênfase às concepções dos sujeitos que vivem em situação de pobreza, pois acredita-se que isso traz implicações às políticas públicas de inserção social e combate à pobreza, especialmente as políticas sociais públicas locais. Como síntese dos resultados destacou-se as dimensões da pobreza que apareceram, demonstrando ser a pobreza multidimensional; as dimensões apareceram de forma entrelaçada. Para fins de discussão, optou-se, na medida do possível, por apresentá-las separadamente, são elas: meios de subsistência; local onde vivem; sobrevivência; capacidades; questões familiares; relações na sociedade; questões subjetivas/psíquicas.

PALAVRAS-CHAVE: Pobreza. Programa de Transferência de Renda. Subjetividade.

ABSTRACT

This thesis is aimed to produce knowledge and to allow the professionals of the social field to understand and recognize the meaning of poverty, from the subject's point of view, in order to contribute to widening and qualifying the possibilities of social inclusion supported by existing public programs. As for its objective, the qualitative type of research was chosen for it is believed to be the most appropriate once it allows the phenomena to be understood in their own context and, at the same time, it is possible to go deeper in their complexities since the perspectives of the involved subjects are considered directly inside the studied reality. Accordingly, priority was given to the semi-structured interview. In order to get access to the subjects of this research, the Family Minimum Income Program, supported by the city of Caxias do Sul, was chosen for it deals directly with people living in poverty and has as its main goal to guarantee a minimum income, monthly and temporarily, to vulnerable families, building strategies in search of autonomy, strengthening of the emancipatory process and, especially, overcoming difficulties, and in this manner, contributing to build and recover the position of these families in the society. As a result, this thesis is concerned with poverty, and seeks to approach different conceptions, emphasizing concepts that come from those subjects who live in poverty, for it is believed that they affect the public policies concerned with social inclusion and poverty fight, especially local public social policies. As a synthesis of the results, the dimensions of poverty that were revealed stood out, demonstrating that poverty is multidimensional; the dimensions turned up in an interlaced way. As far as discussion is concerned, the option was, when possible, to show them separately as they follow: livelihood; place where they live; survival; capacities; family matters; relationships in society; subjective/psychic issues.

KEYWORDS: Poverty. Income Transferring Programs. Subjectivities

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 POBREZA: UMA QUESTÃO, UM TERMO RELATIVO E POLISSÊMICO?	23
2.1 O conceito de pobreza e sua formação histórico-social	24
2.1.1 Novos matizes para o conceito de pobreza	35
2.1.2 Pobreza no Brasil	45
2.2 Programas de transferência de renda	54
3 A POBREZA E A INSERÇÃO SOCIAL NA CIDADE DE CAXIAS DO SUL	66
3.1. Breve histórico da cidade de Caxias do Sul	68
3.2 A produção social da riqueza e da pobreza em Caxias do Sul – algumas evidências empíricas a partir de dados econômicos e sociais	74
3.3 O Programa Renda Mínima Familiar – Caxias do Sul	85
3.3.1 Perfil das famílias atendidas pelo Programa Renda Mínima Familiar nos anos de 2000 a 2006	96
4 O SIGNIFICADO DA POBREZA PARA OS SUJEITOS QUE A VIVENCIAM	101
4.1 Procedimentos metodológicos adotados	102
4.2 As descobertas	118
4.2.1 Personagens principais.....	118
4.2.2 O significado da pobreza a partir dos sujeitos que a vivenciam	164
5 CONCLUSÃO	186
REFERÊNCIAS	195
APÊNDICE	
A – Formulário perfil das famílias atendidas no PRMF	208
B – Roteiro de entrevista semi-estruturada – pessoa responsável pela família no PRMF.....	213
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	217
ANEXO	
A - Aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS	219

1 INTRODUÇÃO

Existem 2.8 bilhões de especialistas em pobreza [no mundo], os próprios pobres. Apesar disso o desenvolvimento do discurso sobre pobreza tem sido dominado pelas perspectivas e expertise daqueles que não são pobres – profissionais, políticos e agentes oficiais. (NARAYAN, 2000b, p. 2).¹

As últimas décadas têm sido cenário de inúmeros debates e embates sobre a questão da pobreza e da desigualdade de oportunidade.² Parte-se da idéia de que a pobreza é um fenômeno interdisciplinar, multidimensional e diverso, que envolve aspectos absolutos e relativos, tais como: fome, doença, condições precárias de moradia, vulnerabilidade econômica, não acesso ao lazer, situação de exclusão, pouco ou até nenhum acesso à educação ou, simplesmente, o que muitas vezes é dito por esses sujeitos: “*O não ter renda para comprar o que se deseja.*” Portanto, a linha de sustentação analítica, subjacente a esta tese, é a compreensão de que a questão da pobreza tem sua base na dinâmica da acumulação capitalista. Porém, a centralidade da mesma não reside em reconfirmar tal tese, mas avançar, entendendo-a como um problema real, que pode ser transformado num objeto de conhecimento e de intervenção. Muito se tem escrito sobre a multidimensionalidade da pobreza; vem crescendo a utilização de novos métodos qualitativos e participativos de mensuração da pobreza, tais como *análise de vulnerabilidades* e *vozes dos pobres*; porém, ainda são poucas as produções que versam sobre descrições e caracterizações da pobreza, que explicitem essa natureza multidimensional e, ainda, as medidas quantitativas de mensuração da pobreza, tais como as linhas de pobreza, que são as que ainda predominam, tanto na discussão acadêmica quanto na orientação das políticas de combate à pobreza e inserção social no Brasil.

Ainda, corroborando essa linha de pensamento, que urge a busca de abordagens que dêem conta mais aprofundadamente do caráter multidimensional da pobreza, traz-se um fragmento, mesmo que longo, do texto: “*Psychologie des classes*

¹ Livre tradução da autora. “There are 2.8 billion poverty experts, the poor themselves. Yet the development discourse about poverty has been dominated by the perspectives and expertise of those who are not poor – professionals, politicians and agency officials.” (NARAYAN, 2000b, p. 2).

² Entre outros ver: MARTINS (1997), ATKINSON (1998), LENOIR (1974), PAUGAM (2003), CASTEL (1998a), CASTEL (1998b), CASTEL, HAROCHE (2001), SEN (2000).

sociales”, extraído da obra coletiva *Traité de sociologie II*,³ na qual o autor discute a necessidade de um olhar diferenciado:

Para cercar nosso objeto, busquemos, primeiramente, as hipóteses de pesquisa empírica. Podemos supor que as classes sociais se caracterizam diferencialmente pelas *necessidades*, e que uma psicologia coletiva satisfatória se estabelecerá a partir de seu estudo. Infelizmente, a noção de *necessidade*, longe de ser clara, não passa de uma elaboração conceitual. Além disso, a experiência e a prática, hoje, mostram (salvo prova em contrário) um processo da mais alta importância: a generalização das necessidades. Necessidades análogas surgem em escala mundial, independentemente das diferenças de país, raça, classe, regime político. Esta uniformização não se realiza no curso de um nivelamento por baixo, mas por um crescimento quantitativo e qualitativo. Hoje, para todos os seres humanos, ela certamente não significa satisfações idênticas; mas, assim, o problema se desloca; as noções negativas – de insatisfação, falta, privação, frustração, aspiração mais ou menos irrealizada – passam ao primeiro plano; elas resultam de uma crítica geral da vida cotidiana. É possível que esta pesquisa estabeleça que as necessidades e as aspirações da classe operária sejam qualitativamente distintas daquelas de outras classes, acarretando a exigência de solidariedade, liberdade, dignidade fraternidade; as necessidades do proletariado teriam deixado de ser mais pobres, mais reduzidas, do que as da burguesia. Infelizmente, ainda, as distinções entre necessidades profundas e necessidades artificiais, necessidades elementares e superiores, necessidades materiais e necessidades coletivas, espirituais, culturais, ou morais, não são nem elaboradas, nem suficientemente relacionadas à análise crítica da prática social. (LEFÈBVRE, 1968, p. 21).

Seguindo essa linha de pensamento, acredita-se que uma questão ainda pouco pesquisada refere-se, especialmente, ao que diz respeito à pobreza a partir de seu significado, construído pelos sujeitos que vivem em situação de pobreza e sua inserção social, mediante programas oferecidos pelas políticas públicas. Partindo da premissa de que conhecemos pouco sobre os sentidos da pobreza, o que, por sua vez, dificulta a efetiva inserção social das famílias em situação de pobreza, o que se busca descobrir é: quem são, realmente, os pobres; o que pensam sobre a pobreza, a desigualdade social, as políticas públicas e a inserção social; como elaboram a noção de justiça social; com que elementos constituem seu horizonte utópico e, conseqüentemente, seus projetos de vida; o que pensam a respeito da cidadania. Isso demanda compreender a pobreza como um problema multidimensional.

Essa questão não é somente vista como elemento na discussão do crescimento econômico e do desenvolvimento social, mas está vinculada à forma como esse fenômeno repercute nas relações sociais e na vida dos sujeitos. E, sem a apreensão desses elementos, é mais difícil o estabelecimento de alternativas eficazes para o

³ Texto publicado pela PUF: Paris, 1968, sob a direção de Georges Gurvitch. Tradução de Ana Cristina Nasser, professora-doutora em Sociologia pela FFLCH-USP.

enfrentamento da pobreza e para a efetiva inserção social, problema que é parte integrante da chamada questão social – e da qual é constituinte não suprimível da dinâmica do modo de produção capitalista –, *locus* do qual, historicamente, o Serviço Social vem se ocupando. Vale salientar que, nessa trajetória, o Serviço Social por longas décadas veio buscando solucionar essa questão, baseando sua intervenção no circuito técnico-instrumental, em última análise, projetando o exercício do trabalho do assistente social, como executor terminal de políticas sociais. Em tal perspectiva, cabia à área do Serviço Social estabelecer o espaço para que soluções pudessem ser encontradas. No entanto, defende-se que os desafios postos ao Serviço Social, na contemporaneidade, requisitam ultrapassar tal perspectiva, rompendo com a tradição endogenista da profissão e inscrevendo-a no âmbito da compreensão do significado social do seu trabalho e, para tal, exige-se que sejam elucidadas as condições em que as relações sociais e a própria questão social se processam. Nesse contexto, cabe aos profissionais de Serviço Social compreenderem que as expressões da questão social – no caso desta tese a pobreza – só adquirirão um sentido, à medida que ultrapassarem sua pura fenomenalidade e se souberem manejar categorias heurísticas capazes de qualificar teórica, técnica e socialmente as mesmas. Ainda, nesse sentido, ressalta-se uma reflexão de Martins (2008), que alerta sobre a importância de não se deixar “cair no reducionismo do fantasioso, sobretudo das fantasias do inócuo que atravessam a vida da classe média da referência vivencial dos sociólogos [e também dos Assistentes Sociais].⁴ Armadilha da generosidade ideológica que bloqueia a competência [...]” (MARTINS, 2008, p. 13).

Assim sendo, o tema do enfrentamento da pobreza, na perspectiva da efetiva inserção social, implica, necessariamente, uma análise que não se reduz a apenas seus aspectos socioeconômicos, mas que parta destes e incorpore mediações mais complexas, tais como as de natureza político-cultural.

⁴ Acrescentou-se o profissional assistente social na citação, pois o próprio autor, em nota de rodapé, apresenta a idéia de que “a ideologização do conhecimento não se limita à sociologia. Tem alcançado outras ciências humanas, como a Antropologia, a História, a Geografia. Incide sobre as opções temáticas, tanto na escolha de temas cuja relevância procede de pautas ideológicas quanto na censura velada a temas e problemas que não confirmam a relevância das escolhas que tendem a dar precedência e destaque ao que, na realidade social, exacerbaria o protagonismo e a própria história de determinados grupos sociais. Mas, fundamentalmente, incide sobre as questões de método, tanto nos de investigação quanto nas simplificações dos métodos de explicação. Desse modo, a coleta de dados já imuniza as tensões e contradições da situação social investigada, adequando-as à explicação que ressalta tensões e possibilidades que estão muito mais na opção ideológica do pesquisador do que na realidade observada”. (MARTINS, 2008, p. 13).

Em outras palavras, contribuir para a construção de uma sociedade que contemple crescimento econômico com desenvolvimento humano e social, e que efetivamente enfrente o campo das desigualdades sociais – ideário projetado pelo Serviço Social – requer que sejam postos em evidência, além dos indicadores econômicos, outros tais como: políticos, sociais e culturais. Ou seja, apreensão dos índices econômicos; da vocação da cidade; do desdobramento desses índices no processo de desenvolvimento social, bem como das políticas públicas, que têm sido postos à disposição de uma população que tem sofrido com os velhos e os novos processos de pobreza, são elementos essenciais nesta pesquisa. No entanto, ficariam incompletos se a população que vive esse processo, como protagonista desse quadro de desigualdades, ficasse (novamente) excluída, já que não é ela (a população) que diretamente desenvolve pesquisas; que ela seja, então, o tema central e a beneficiária da mesma.

Ir ao encontro dessa população significa revelar como a mesma tem compreendido esse processo de pobreza, como tem interiorizado sua adesão às políticas públicas e como tem criado alternativas para o enfrentamento de situações não cobertas por elas.

Assim, a pobreza se apresenta no campo social como uma questão complexa, que tem interferência direta na construção da subjetividade do sujeito, no cotidiano da vida das pessoas, e que tem se presentificado, muitas vezes, como conflitos pessoais, sociais e culturais; portanto, expressados de várias formas na realidade social, e exigido uma melhor compreensão das facetas que compõem essa problemática. Tais expressões têm tido poucas análises explicativas. Existem possíveis lacunas categoriais do discurso conceitual das áreas que estudam tal temática e que possibilitem responder conceitualmente a essas exigências.

Assim, esta tese tem como objetivo produzir conhecimento que permita aos profissionais do campo social compreender e reconhecer o significado da pobreza, a partir da visão dos sujeitos, de forma a contribuir para ampliar e qualificar as possibilidades de inserção social, promovidas por programas de políticas públicas presentes na contemporaneidade.

Para isso, necessitou-se ir ao encontro desses sujeitos; assim, optou-se pelo Programa Renda Mínima Familiar da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, por se tratar de um dos programas que trabalha diretamente com pessoas em situação de pobreza e que tem, em seu objetivo principal, assegurar renda mínima, mensal e

temporária às famílias em situação de vulnerabilidade e risco pessoal, construindo estratégias à busca da autonomia, ao fortalecimento do processo emancipatório e, principalmente, à superação das dificuldades, contribuindo assim à construção e ao resgate da cidadania de grupos familiares. Dessa forma, acreditava-se que, nesse programa, encontrar-se-iam sujeitos para trazerem luz aos questionamentos que se tinha, pois são sujeitos que viveram a situação de pobreza e passaram pela experiência do programa que tinha tal objetivo; tratava-se, então, de saber o que significa todo esse processo e o que mudou na vida de cada um, após tal experiência.

Assim, o eixo do trabalho percorrido foi conhecer como esses sujeitos compreendem os processos de pobreza por eles vivenciados e, também, saber em que medidas exatamente se constata transformações significativas no cotidiano das famílias em situação de pobreza, após sua participação no Programa Renda Mínima Familiar da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, a ponto de serem consideradas inseridas socialmente. Pois é sabido que a renda em si, regular e segura por um período, por ela própria, é um elemento positivo na vida dos sujeitos; porém, o objetivo não é apenas oportunizar um “alívio” temporário e imediato a esses sujeitos, mas combater a pobreza e possibilitar a inserção social. Esse foi o ponto de partida, o problema de pesquisa a ser investigado.

Pois,

pobreza é dor. As pessoas pobres sofrem dor física causada pela pouca quantidade de comida e longas horas de trabalho; dor emocional originada a partir das humilhações da dependência diária e da falta de poder; e a dor moral de ser forçado a fazer escolhas – como usar os recursos limitados para salvar a vida de um membro doente da família, ou usar os mesmos recursos para alimentar suas crianças. Se pobreza é tão dolorosa, por que os pobres permanecem pobres? Os pobres não são preguiçosos, estúpidos ou corruptos – por que, então, a pobreza é tão persistente? (NARAYAN, 2000a, p. 3).⁵

Trabalhou-se com as seguintes questões de pesquisa: (i) Qual a orientação política, econômica e social que pauta a formulação e a gestão das políticas públicas, que visam à inserção social dos sujeitos? (ii) As políticas públicas de transferência de renda têm possibilitado a superação da situação de pobreza e a inserção social no sentido de emancipação dos sujeitos? (iii) Como os sujeitos compreendem sua situação de pobreza, bem como a superação de tal situação e a possibilidade de inserção social? (iv) Qual a visão dos sujeitos que vivem os processos de pobreza, a respeito do

⁵ Tradução livre nossa.

Programa Renda Mínima Familiar da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, como um instrumento de inserção social efetiva para a emancipação?

Então, essa tese trata da pobreza, buscando abordar as diferentes concepções, dando ênfase às concepções dos sujeitos, pois acredita-se que isso traz implicações às políticas públicas de inserção social e combate à pobreza, especialmente as políticas sociais públicas locais.

A escolha da cidade de Caxias do Sul se deu porque esta, embora seja uma cidade de porte médio,⁶ tem uma identidade urbano-industrial e apresenta muito das características próprias das grandes metrópoles industrializadas, com todas as conseqüências decorrentes da sociedade de mercado, ou seja, já vivenciou e vem vivenciando processos de transformação decorrentes do atual modelo de sociedade globalizada.

A tese se organiza em três capítulos, buscando responder às questões de pesquisa norteadoras do estudo.

No capítulo: *Pobreza: uma questão, um termo relativo e polissêmico?*, buscou-se apoio, na bibliografia especializada, às distintas concepções de pobreza que têm norteado discussões e proposições de alternativas de combate à pobreza, não apenas em nível brasileiro, mas também internacional. Nesse capítulo, há uma ênfase em situar, nos marcos da historicidade, os conceitos teóricos centrais para o desenvolvimento empírico e analítico da pesquisa, chegando à premissa central, qual seja, de que pobreza é um conceito polissêmico. Ainda nesse capítulo, apresenta-se a discussão a respeito dos programas de transferência de renda, mecanismo de política social adotado mundialmente como estratégia de enfrentamento da questão da pobreza.

O capítulo: *A pobreza e a inserção social na cidade de Caxias do Sul*, apresenta uma análise da evolução histórica do Município de Caxias do Sul, os fatores políticos, econômicos e sociais que compuseram sua constituição, bem como uma análise sobre a pobreza, nesse mesmo município no período de 1999-2006, combinando a medida tradicional da extensão da pobreza, que usualmente é baseada na renda, com aspectos relativos ao desenvolvimento social, contemplando, assim, de maneira mais abrangente, as diferentes situações da pauperização presente nessa realidade. Os dados são resultados de pesquisas em fontes secundárias dando-se destaque para indicadores

⁶ Adota-se nesta tese a concepção de cidades médias utilizada pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), organismo que considera médias as cidades latino-americanas com população entre 50 mil e um milhão de habitantes. (Veja-se JORDAN; SIMIONI, 1998).

econômicos: renda *per capita*, PIB municipal, setores produtivos, relação PIB municipal no conjunto da economia gaúcha e indicadores sociais: pobreza, indigência, emprego, desigualdade, alfabetização, escolaridade. Ou seja, nesse capítulo, não só é objeto de estudo a pujança da economia do município, como também alguns dados que revelam a pauperização histórica presente no mesmo. Ainda nesse capítulo descreve-se o Programa Renda Mínima Familiar implantado em Caxias do Sul em 1999 e estabelece-se o perfil das famílias atendidas no Programa Renda Mínima Familiar (2000-2006).

O capítulo: *O significado da pobreza para os sujeitos que a vivenciam*, além de explicitar o percurso metodológico da pesquisa, busca demonstrar o significado da pobreza, a partir dos sujeitos que a vivenciam, bem como o entendimento das transformações geradas na vida das famílias, em situação de pobreza, que usufruíram o Programa de Transferência de Renda Familiar em Caxias do Sul, o qual tem como principal finalidade a inserção social.

Por fim, apresentam-se as *Conclusões*, que têm por finalidade, ao retomar as hipóteses norteadoras da pesquisa, apontar algumas evidências extraídas da pesquisa e alguns indicativos que possam servir para pôr um fim na lógica de *ausência do sujeito* e que inspire um novo começo para todos os *sujeitos da história*.

5 CONCLUSÃO

Esta tese não representou uma avaliação de um programa, de um projeto, tampouco de política pública de enfrentamento à pobreza. O empenho na sua construção foi buscar a visão de mundo, a visão sobre a pobreza, o significado da pobreza, a partir da perspectiva dos sujeitos que a vivenciam. Ela buscou oferecer uma pormenorizada descrição da realidade vivida pelos sujeitos que têm experimentado, ao longo da vida, as múltiplas dimensões da pobreza, desenhando, a partir de suas experiências de pobreza e da qualidade de suas interações com políticas públicas, especialmente os programas de enfrentamento à pobreza, seus sentimentos, suas necessidades, suas aspirações.

Dessa forma, tratou de realizar uma descrição densa, a mais completa possível, valorizando as narrativas dos sujeitos, uma vez que as entrevistas realizadas demonstraram que é possível apreender as múltiplas facetas da situação da pobreza.

Não se buscavam apenas informações, buscavam-se, sim, os significados produzidos por eles próprios, por mais chocantes que realmente fossem. Realizou-se a construção desta tese tendo

a convicção de que tudo o que acontece no mundo deve ser compreensível, pode levar-nos a interpretar a História por meio de lugares-comuns. Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, sem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja. (ARENDETT, 2007, p. 12).

Para isso, o lugar que ocupou-se para realizar tal intento não poderia ter sido outro senão o da interdisciplinaridade, dada a complexidade das múltiplas dimensões da pobreza e dada a seriedade da realidade a que os sujeitos vêm sendo submetidos. Por isso,

já não podemos nos dar o luxo de extrair aquilo que foi bom no passado e simplesmente chamá-lo de nossa herança, deixar de lado o mau e simplesmente considerá-lo um peso morto, que o tempo, por si mesmo, relegará ao esquecimento. [...] Essa é a realidade em que vivemos. E é por isso

que todos os esforços de escapar do horror do presente, refugiando-se na nostalgia por um passado ainda eventualmente intacto ou no antecipado oblvio de um futuro melhor, são em vão. (ARENDDT, 2007, p. 13).

É necessário que se possa olhar, ouvir, compreender essa realidade, a partir do que ela efetivamente significa para quem tem sofrido; em outras palavras,

[...] em cada época é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela [...] O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1994, p. 224-225).

O inimigo de que tratou esta tese foi a pobreza, que vem assolando milhões de pessoas no mundo. A partir da perspectiva das pessoas que vivem em situação de pobreza, o mal-estar, a má qualidade de vida é muito mais que a pobreza material, que a falta de renda, que, sem sombra de dúvidas, tem um significado importante. Mas, o que se ouviu nas entrevistadas e se pôde constatar é que a pobreza é composta de uma rede intrincada de múltiplas dimensões, as quais, ao se combinarem, criam e sustentam uma situação de múltiplas privações. Junto a isso, pode-se concluir também, que há sensação de impotência, uma falta de liberdade de escolha e ação sobre as questões que afetam a própria vida. Ou seja, as múltiplas dimensões se reforçam mutuamente, criando uma espécie de teia, uma armadilha, dificultando exponencialmente a saída de tal situação, tornando quase impossível o sucesso do esforço individual empreendido pelos sujeitos que estão em tal situação.

Neste ponto, é importante salientar que, sendo a situação de pobreza das pessoas causada não por um único fator, mas por uma multiplicidade deles, o significado, as transformações na vida dos sujeitos após terem participado do PRMF, não foi significativa. Como pode-se escutar, desde as primeiras entrevistas, o que o programa significou para elas foi apenas a renda. Certamente houve um impacto positivo durante algum tempo, pois várias delas relatam que fizeram melhorias em suas casas, adquiriram móveis e utensílios domésticos, se alimentaram melhor, saldaram algumas dívidas, enfim puderam consumir, sentiram-se incluídas pelo consumo. Porém, como elas diziam, “durou pouco”; passado o período de participação no programa, suas vidas retornaram ao que eram no início. O PRMF, mesmo não sendo programa restrito de transferência de renda, como se pode ver no Plano de Ação do programa, exposto no capítulo 3 desta tese, parece, pelo que se ouviu, ter tocado em apenas um dos fatores da

equação que sustentam a pobreza: a renda; e, como consequência, produziu um resultado insignificante em suas vidas. Isto tornou-se claro já nas primeiras entrevistas, fazendo com que nosso olhar se direcionasse para aquelas questões que estavam vindo à tona, isto é, a complexidade da dinâmica da pobreza na vida dos sujeitos.

A realidade narrada por elas mostra que as condições de vida das pessoas que têm vivido em situação de pobreza, que têm experimentado as diversas dimensões da pobreza, vêm implicando uma má qualidade de vida, que inclui: falta ou precariedade de meios de subsistência, de alimentação, de saúde, de recursos e de dinheiro; dor, desconforto, exaustão, exclusão, rejeição, isolamento, solidão; más relações com os outros, incluindo más relações dentro da família; insegurança, vulnerabilidade, riscos, preocupação, medo, falta de autoconfiança; fraqueza, desamparo, frustração, raiva e impotência. Pode-se sintetizar essa intrincada *teia* na figura 1.

Com isso, pôde-se constatar que os capitais econômico, social e simbólico estão interligados. As pessoas que têm vivido em situação de pobreza carecem de todos eles; em maior ou menor grau, essa equação não tem sido favorável na vida desses sujeitos. As implicações da falta desses capitais reforçam-se mutuamente em um ciclo de alienação e impotência. As relações sociais permanecem excessivamente autoritárias, privando-as de *voz*, sonhos, projetos. A pobreza priva as pessoas do acesso aos recursos, às oportunidades e ao contato com aquelas *pessoas mais influentes*. Sem recursos, oportunidades e conexões, a mobilidade econômica e social torna-se excessivamente difícil.

As pessoas que vivem em situação de pobreza normalmente se vêem com poucas opções de escolha, as quais são quase sempre muito restringidas. Quando podem fazer escolhas, o que lhes resta a fazer é procurar pela menos negativa, pela menos danosa. Isso porque eles se sabem possuidores de uma *exígua camada protetora*, não podem errar. Elas precisam escolher com muito cuidado. Elas são forçadas, cotidianamente, em todas as suas escolhas, a eleger uma opção, não por ser a melhor para elas, estas não têm aparecido, mas escolher aquela que elas acreditam ser um pouco *menos ruim*. É o que lhes têm restado. Lembrando os conceitos de *habitus* e *campo* de Bourdieu⁷, as escolhas, os desejos, as aspirações individuais derivam muito menos de planejamentos, projetos individuais, são muito mais produtos da relação entre um

⁷ Esses conceitos foram explicitados no capítulo “Os significados da pobreza para os sujeitos que a vivenciam”, quando se explicitou a metodologia utilizada no item 4.1 Procedimentos metodológicos adotados.

habitus e, especialmente, das pressões e dos estímulos de uma conjuntura, de uma situação em que se vive. Em outras palavras, são influenciadas pelo campo, este visto como um espaço de relações entre grupos, os quais apresentam diferentes posicionamentos sociais e nos quais se manifestam relações de poder. Então, não é difícil entender qual é o espaço e poder de escolhas que essas pessoas têm conseguido.

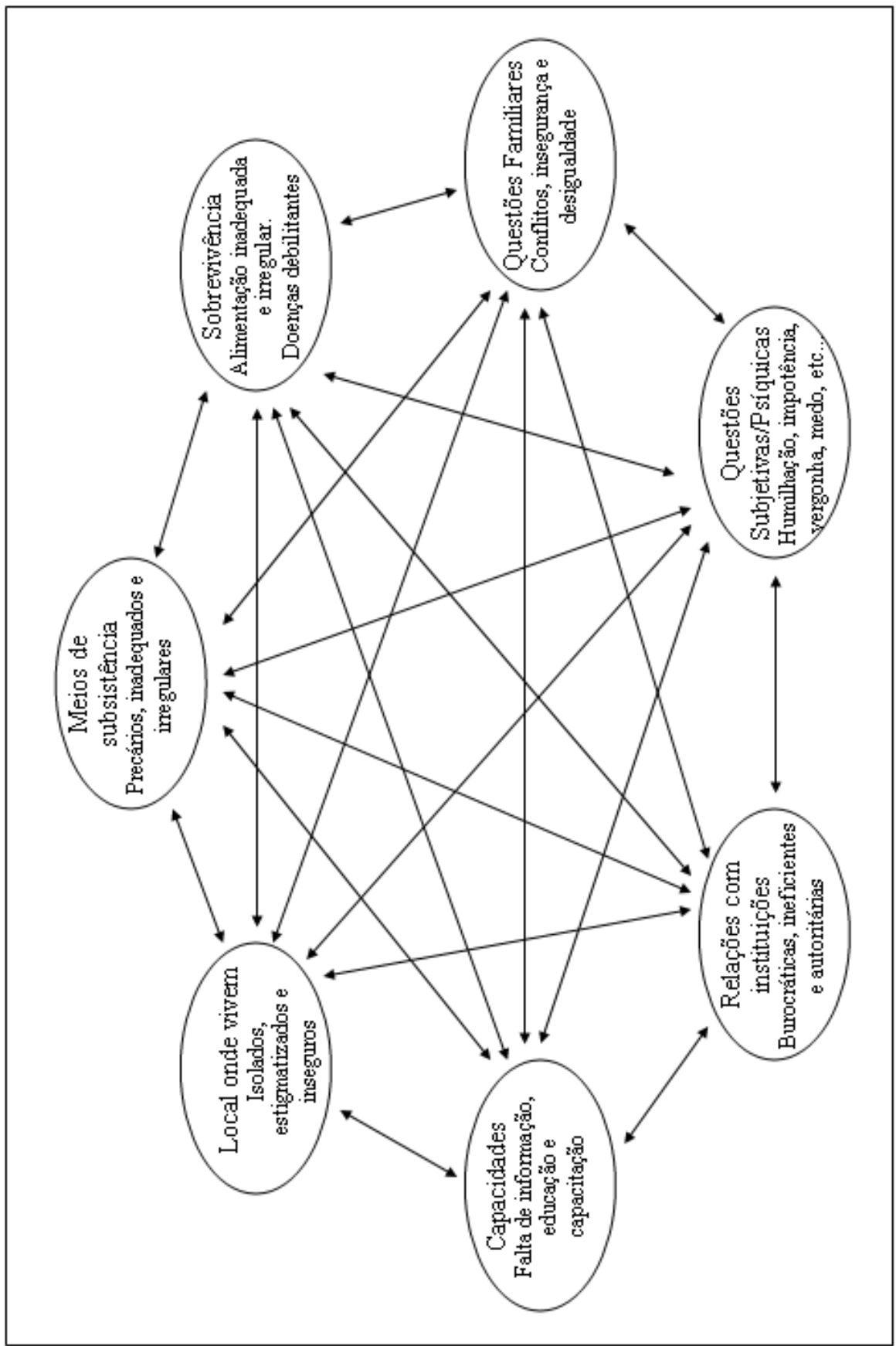


Figura 1: A armadilha das dimensões da pobreza

Fonte: NARAYAN et al., 2000b, p.249 . Adaptado pela autora desta tese a partir da pesquisa realizada.

Suas vidas têm sido marcadas pela incerteza, pela insegurança, se terão alimentação; se a luz e a água não serão cortadas por falta de pagamento; se conseguirão negociar a dívida da prestação atrasada da casa/terreno onde moram; isso para falar de algumas, pois as incertezas são muitas, como se pode ver no capítulo “O significado da pobreza para os sujeitos que a vivenciam” desta tese. Assim, acudadas pelos problemas básicos de sobrevivência, necessitam gastar seu tempo e energia construindo estratégias apenas para sobreviver, esse é o espaço de escolhas que elas têm encontrado.

O que se ouviu das entrevistadas é que elas desejam apenas o suficiente para ter uma boa vida; e isso, para elas, não significa ter muito, como diziam: é ter um pouco mais do que se tem hoje. Uma boa vida, no dizer delas, inclui: bem-estar material, que foi, normalmente, expressado como ter o suficiente para alimentação, moradia, transporte, pagar as contas; um bem-estar corporal, que inclui se sentirem fortes, com saúde para poderem trabalhar; bem-estar social para cuidar, orientar e, especialmente, proteger os filhos; boas relações na família e na comunidade; ter segurança nos locais onde residem, especialmente por se preocuparem com seus filhos; manter e/ou recuperar a dignidade e o respeito; ter liberdade de escolha e ação, incluindo ser capaz de ajudar outras pessoas da família, bem como pessoas da própria comunidade onde vivem.

Diante dos achados desta tese, ressalta-se que o fato de escutar as pessoas que vivem em situação de pobreza, portanto as que têm muito conhecimento a nos ensinar, é fundamental, mas é um começo, grifa-se: *apenas um começo*. Pois, trazer a *voz dos pobres*, usar e valorizar suas narrativas que impressionam, como foi feito nesta tese, soa bem, causa uma boa impressão. Porém, o ponto crucial não é esse. O ponto crucial trata da mudança que isso pode ou não causar, especialmente naqueles que têm, como um dos objetos de trabalho, as múltiplas dimensões da pobreza. Pois, podem ser ouvidas as pessoas, impressionar-se com o que elas dizem, citar o que elas narram, escrever sobre elas sem que, *efetivamente*, haja qualquer mudança real, uma vez que a mudança necessária é profunda, e está ligada diretamente à concepção, aos valores, às crenças, aos paradigmas. Sabe-se que comprometimentos com mudanças profundas demandam muita disposição e afincamento, especialmente em uma época e num mundo, onde quase tudo é efêmero, simultâneo, passageiro, descartável; uma sociedade que tem cultuado as relações individuais e a imagem, em que o instantâneo e a busca pela satisfação imediata e contínua dos desejos são os valores que têm prevalecido.

Refletindo-se sobre a dura realidade encontrada, lembrou-se de um texto intitulado *O século de Grete Samsa*,⁸ no qual Karel Kosik, em um ensaio sobre Franz Kafka, reflete sobre o conceito de tragédia, sobre a possibilidade ou a impossibilidade do trágico se presentificar no nosso tempo. Ele discute que esse conceito vem se alterando, vem sendo banalizado. Para o autor, um dos empecilhos da possibilidade do trágico,

no nosso tempo, está na banalização e na domesticação da morte. A morte perdeu o poder que tinha de abalar profundamente os seres humanos e é digerida com certa rapidez no dia-a-dia. A morte do outro, do próximo, não ameaça nos desestruturar: ela é cotidiana, superficial, pouco significativa. Ela nos chega no meio de múltiplas imagens, sucessivas informações e sensações confusas; em seguida, desaparece, sem deixar traços. (KOSIK, 1994, s.p).

Esse ensaio traz à tona muito dos sentimentos que apareceram nas entrevistas, isto é, a falta de humanidade presente nas relações sociais atuais. Não estaríamos nós, por vezes, agindo como a Grete Samsa⁹ de Kafka, renegando a humanidade de nossos irmãos que sofrem com a pobreza, para tornar mais suportável o mundo no qual vivemos? Não estaríamos também banalizando a pobreza em nome de podermos acreditar que a realidade não é tão grave; afinal, tudo aquilo que *incomoda*, que é ruim, precisa ser removido, afastado para podermos suportar melhor nossa própria existência.

Pode-se pensar a respeito disso, por exemplo, quando se volta o olhar para os índices econômicos e sociais. Vejam-se o IDH, o IDESE da cidade de Caxias do Sul; a situação parece não ser tão ruim; afinal, a cidade, nos últimos seis anos, esteve no primeiro lugar do *ranking* do Estado do Rio Grande do Sul; ainda, o índice do Sistema Único de Assistência Social (Suas),¹⁰ no ano de 2008 apresentou como taxa de pobreza

⁸ KOSIK, Karel. “Das Jahrhundert der Grete Samsa. Von der Möglichkeit oder Unmöglichkeit des Tragischen in unserer Zeit”, em *Kafka und Prag*, 1994, ed. Walter de Gruyter, Berlin. Traduzido por Leandro Konder. Disponível em: <http://karel.kosik.net/>. Acesso em: 9 out. 2008.

⁹ “O personagem central de *A metamorfose* (1911), de Kafka, não é Gregor Samsa, aquele que após uma noite mal dormida acordou transformado num ‘monstruoso inseto’; na verdade, é a irmã dele, Grete. A moça Grete intervém nos acontecimentos; sua ação marca um ponto crucial, autêntico momento decisivo da metamorfose. A transformação grotesca ocorre, de fato, no instante em que Grete deixa de enxergar em seu irmão um ser humano, já não sabe mais se ele é gente ou bicho e acaba chegando à conclusão de que sua presença se tornou, para ela, insuportável. A partir desse instante, ela renega a humanidade do irmão e se convence de que no quarto só existe um animal repulsivo. Com perfeita coerência, Grete Samsa, a moderna anti-Antígona, se dispensa de sepultar o irmão que morre: encarrega a empregada de ‘varrê-lo’. Não se tratava de um cadáver humano, mas da carcaça de um bicho. A empregada se refere aos restos mortais como ‘isso’: ‘isso já era’. Quando as relações humanas estão grotescamente desumanizadas, seria grotesca a idéia de enterrar humanamente o ser humano metamorfoseado que ilustra de modo tão grotesco o movimento geral.” (KOSIK, 1994, s.p).

¹⁰ “O índice SUAS foi criado com o objetivo de fazer a partilha, priorização e o escalonamento da distribuição de recursos para o co-financiamento da Proteção Social Básica, por meio de um critério

da cidade o índice¹¹ de 0,9476, quase chegando ao índice 1 (hum) que é o melhor da escala. Porém, o que se constatou nesta tese é que a realidade da pobreza, quando se faz o movimento de aproximação direta com os que vivem em situação de pobreza, revela outra face, bem mais dura daquela mostrada pelos números. Com isso, não se está negando a importância das pesquisas quantitativas sobre a questão da pobreza, ou ainda negando a importância dos investimentos públicos medidos por tais índices (saúde, educação, saneamento, entre outros), pois são fundamentais. Porém, nem sempre as pessoas efetivamente têm condições de acessá-los adequadamente, e isso os números não medem. Então, se está, tão-somente, indicando a necessidade de se examinar um pouco mais detidamente o modo como as múltiplas dimensões da pobreza se manifestam na vida das pessoas que passam por tal situação.

Assim, reiterando o que foi escrito anteriormente, o enfrentamento da pobreza, pelo seu próprio caráter complexo e multidimensional, requer um conhecimento qualitativo, aprofundando, uma vez que as dimensões da pobreza estão conectadas ao local, à região, à cultura, à conjuntura, podem se manifestar nas mais diversas combinações, bem como a forma como cada uma delas se manifesta, sua intensidade, a maneira como se dá a relação com as outras dimensões, geram uma dinâmica própria que determina a experiência de pobreza que as pessoas que fazem parte daquele grupo específico vivenciam. Ressalta-se que as dimensões da pobreza apresentadas nesta tese, foram aquelas que foram apontadas pelos sujeitos pesquisados. Isto não significa que sejam as únicas. Pode-se encontrar outras dimensões em outros grupos pesquisados. Podem também algumas destas dimensões não estarem presentes. Portanto, a estratégia de enfrentamento da pobreza precisa, necessariamente, iniciar pelo conhecimento da realidade daqueles que vivenciam situações de pobreza.

Requer ainda, como apontado anteriormente, o comprometimento com profundas mudanças, as quais demandam muito empenho e compromisso. Mudanças na forma de entender e intervir nas questões relacionadas à pobreza. Estas mudanças, pelo que se pode compreender a partir do que foi apontado na pesquisa desta tese, refere-se à

técnico, de forma a priorizar aqueles municípios com maior proporção de população vulnerável (indicado pela taxa de pobreza), menor capacidade de investimento (receita corrente líquida municipal *per capita*) e menor investimento do Governo Federal na Proteção Social Básica (recursos transferidos pelo Fundo Nacional de Assistência Social - FNAS para a Proteção Social Básica *per capita*). O índice SUAS será calculado todo ano pelo MDS e será seguido rigorosamente quando houver expansão dos recursos para a Proteção Social Básica, daí a importância de torná-lo público.” Disponível em: <http://www.mds.gov.br/suas/departamento-de-gestao-do-suas/indice-suas>. Acesso em: 11 nov. 2008.

¹¹ É considerado o município com menor taxa de pobreza (melhor situação) como 1 e o município com maior taxa de pobreza (pior situação) como 0.

mudança profissional e institucional. A mudança *profissional* trata, inicialmente, da forma de se conceber a pobreza e especialmente, a forma de como se vê o sujeito que vive em situação de pobreza. Este, necessariamente precisa vir a ser o protagonista da intervenção, precisa ser ouvido, respeitado, valorizado, ou seja, ter vez e voz, nas decisões do que será proposto para suas vidas. Precisa-se refletir a respeito das implicações das decisões e, conseqüentemente, das intervenções realizadas com estes sujeitos. Isto requer uma mudança de paradigma. A mudança *institucional* refere-se à mudança cultural, bem como de paradigma de concepção, assim como foi mencionado na mudança profissional. Precisa-se investir em relações mais democráticas, valorativas, prestando atendimento com dignidade e respeito. O lugar de destaque dentro das instituições deve ser devolvido a quem de direito: o sujeito, usuário dos serviços prestados pela instituição, afinal, há que se lembrar do porquê da existência da instituição. Com isso, afirma-se que é necessário que se reflita a respeito das regras, das normas, das políticas e das diretrizes que regem as instituições, para que estas sejam realmente eficazes em atingir o objetivo de enfrentamento da pobreza. Para se ter as evidências desta necessidade de reflexão bastam que se volte às narrativas das pessoas entrevistadas para a construção desta tese.

Destaca-se as questões mencionadas acima, uma vez que, uma das evidências marcantes que aparece, ao longo de todas as entrevistas realizadas, é o sentimento de falta de poder, de voz, de condições de decidir sobre o que é melhor para a própria vida. Assim, o desafio que está posto é o de, a partir das iniciativas, das estratégias das pessoas que vivem em tal situação, empreender ações que aumentem suas capacidades, tanto no sentido de se tornarem efetivamente independentes na manutenção de suas famílias, aumentando o acesso à oportunidades e recursos, investindo nas potencialidades emancipatórias, presentes na sua vida e naquelas oriundas da dotação de recursos monetários, quanto na capacidade de lutar pelos seus direitos. Ainda, o desafio está em *permitir* – permitir no sentido de que eles adquiram controle sobre a própria vida e que consigam para si próprios o que acreditam necessitar. Para isso, é preciso superar o atual estágio da luta contra a pobreza, no qual as instituições, tanto públicas quanto privadas, por meio dos seus gestores, técnicos e funcionários, ainda detêm forte poder sobre o que acreditam ser bom para as pessoas que procuram os serviços. Quando as normas, as regras e os procedimentos são *impostos* para que eles sejam *beneficiados*, reforçam-se a humilhação, a subserviência, a obediência, o desconforto, a falta de autoconfiança, a fraqueza, a frustração, a raiva e a impotência. Estas como já vimos, são

fatores importantes na manutenção da situação de pobreza. Assim, percebe-se que há a necessidade de um árduo e persistente trabalho no sentido de contribuir com seus esforços de encontrar um lugar de respeito e dignidade para todos na sociedade.

Chega-se ao final desta tese com a clareza de que muito ainda é necessário a ser estudado, debatido e feito; porém, há uma certeza: precisa-se, em primeiro lugar, dialogar diretamente com aqueles que vivem situações de pobreza; escutá-los, sem jamais transformá-los e a seus discursos em objetos epistemológicos que não passariam de categorias implícitas e pré-condicionais de um saber *já dado*, pois esses sujeitos estão olhando e fazendo a sua parte; estão buscando, apesar das inúmeras dificuldades, encontrar várias alternativas para sobreviver. A tarefa dos intelectuais é formular um discurso capaz de contribuir efetivamente na transformação desse *latifúndio* de barbárie e destruição – a que estamos submetidos – em uma nova forma de viver!